

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS - FES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

GABRIEL GOMES MACHADO

**IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DAS CADEIAS PRODUTIVAS
SUSTENTÁVEIS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES DO INTERIOR
DO ESTADO DO AMAZONAS**

**MANAUS
2025**

GABRIEL GOMES MACHADO

**IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DAS CADEIAS PRODUTIVAS
SUSTENTÁVEIS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES DO INTERIOR
DO ESTADO DO AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Administração da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. ARMANDO ARAÚJO DE SOUZA JUNIOR

**MANAUS
2025**

GABRIEL GOMES MACHADO

**OIMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DAS CADEIAS PRODUTIVAS
SUSTENTÁVEIS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES DO INTERIOR
DO ESTADO DO AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Administração da Universidade
Federal do Amazonas (UFAM) como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 13/11/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Armando Araújo de Souza Junior - UFAM
Orientador

Prof.^a Dr.^a Ana Flavia de Moraes Moraes UFAM
Avaliadora

Prof. Dr. Ricardo Jorge da Cunha Costa Nogueira - UFAM
Avaliador

Prof. Dr. Sérgio Augusto Tôrres Mendes - UFAM
Avaliador

O IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DAS CADEIAS PRODUTIVAS SUSTENTÁVEIS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DO AMAZONAS

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo investigar como as cadeias produtivas sustentáveis influenciam a vida das comunidades do interior do estado do Amazonas. De natureza aplicada e abordagem qualitativa, o estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa de campo na comunidade São Francisco do Caramuri, com observação participante e entrevistas não estruturadas realizadas com 20 moradores. Os resultados indicam que o cultivo do abacaxi, complementado pela produção de pitaya e pela avicultura, constitui a principal fonte de renda das famílias, contribuindo para a segurança alimentar, a diversificação econômica e o fortalecimento dos vínculos comunitários. As práticas agroecológicas adotadas, como o uso de adubação orgânica e o reaproveitamento de mudas, demonstram baixo impacto ambiental e reforçam a integração entre tradição e sustentabilidade. Entretanto, persistem desafios relacionados à infraestrutura, assistência técnica, escoamento da produção e dependência de atravessadores, que limitam a consolidação das cadeias produtivas. A pesquisa evidencia que a combinação entre organização comunitária, saberes tradicionais e apoio institucional é decisiva para ampliar os impactos sociais e econômicos dessas iniciativas, mostrando que as cadeias produtivas sustentáveis representam um caminho real de inclusão social, geração de renda e conservação ambiental na Amazônia.

Palavras-chave:Sustentabilidade. Sociobiodiversidade. Bioeconomia.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how sustainable production chains influence the lives of communities in the interior of the state of Amazonas. Applied in nature and with a qualitative approach, the study was developed through field research in the São Francisco do Caramuri community, using participant observation and unstructured interviews with 20 residents. The results indicate that pineapple cultivation, complemented by pitaya production and poultry farming, constitutes the main source of income for families, contributing to food security, economic diversification, and the strengthening of community ties. The agroecological practices adopted, such as the use of organic fertilizers and the reuse of seedlings, demonstrate low environmental impact and reinforce the integration between tradition and sustainability. However, challenges related to infrastructure, technical assistance, product distribution, and dependence on intermediaries persist, limiting the consolidation of production chains. The research shows that the combination of community organization, traditional knowledge, and institutional support is crucial for expanding the social and economic impacts of these initiatives, demonstrating that sustainable production chains represent a real path to social inclusion, income generation, and environmental conservation in the Amazon.

Keywords:Sustainability. Sociobiodiversity. Bioeconomy.

1 INTRODUÇÃO

O extrativismo sustentável tem se tornado um tema recorrente nas discussões sobre desenvolvimento regional, especialmente em territórios com grande biodiversidade e um encontro de populações tradicionais, como o caso da Amazônia. Embora muitas espécies originárias da Amazônia tenham usos reconhecidos na medicina popular e em práticas culturais, elas sofrem com práticas predatórias que comprometem a qualidade da matéria-prima e colocam em risco a existência dessas espécies. Para a sobrevivência dessas espécies, é necessária a inserção delas nas cadeias produtivas sustentáveis, como forma de proteção enquanto se gera renda e se promove a inclusão social (Garcia e Oliveira Jr., 2020).

Corroborando com essa perspectiva, os Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNMs) ganham destaque por se apresentar como alternativas importantes para a conservação dos ecossistemas e o fortalecimento da economia local. O manejo sustentável de produtos como sementes, frutos, resinas e plantas medicinais contribui para a valorização da floresta em pé, fortalecendo a autonomia das populações locais e respeitando a diversidade cultural, o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental (Mabetana et al., 2024).

Estudos anteriores, tais como os de Souza et al. (2020), Mabetana et al. (2024) e Costa Júnior e Arroyo (2024), abordaram o papel do extrativismo sustentável na valorização dos saberes tradicionais, na conservação ambiental e no fortalecimento das economias locais. Souza et al. (2020) ressaltam a importância dos conhecimentos tradicionais quilombolas na conservação da biodiversidade do Cerrado, evidenciando que práticas transmitidas por gerações são fundamentais para o uso equilibrado dos recursos naturais. De modo semelhante, Mabetana et al. (2024) destacam o manejo sustentável de sementes, frutos, resinas e plantas medicinais como estratégia de valorização da floresta em pé e de autonomia das populações locais. Já Costa Júnior e Arroyo (2024) reforçam a necessidade de integrar sociedade civil e práticas comunitárias para consolidar a sociobiodiversidade como um eixo estratégico do desenvolvimento amazônico.

Apesar do crescente reconhecimento do extrativismo sustentável como estratégia de desenvolvimento socioambiental, sua implementação efetiva ainda enfrenta obstáculos significativos nas comunidades do interior da Amazônia. Segundo Magalhães (2023), a falta de estrutura institucional adequada, aliada à escassez de políticas públicas direcionadas, limita o alcance de iniciativas sustentáveis, mantendo muitas famílias dependentes de práticas tradicionais que nem sempre garantem a conservação ambiental ou a geração de renda. Essa realida-

de evidencia a necessidade de compreender de que forma as cadeias produtivas sustentáveis podem se tornar instrumentos de inclusão social e econômica para essas populações.

Ademais, modelos econômicos baseados no extrativismo clássico continuam a predominar, priorizando a exploração de recursos para atender à demanda de mercados internacionais, em detrimento do desenvolvimento local. Astorga e Manassa (2020) apontam que esse tipo de exploração gera pouco retorno social e compromete seriamente a preservação dos ecossistemas. Nesse sentido, a questão norteadora desta pesquisa ficou definida como: Como as cadeias produtivas sustentáveis impactam a vida das comunidades do interior do estado do Amazonas?

Abordar os impactos sociais e econômicos das cadeias produtivas sustentáveis nas comunidades do interior do Amazonas representa uma oportunidade para compreender como práticas extrativistas conscientes podem aliar conservação ambiental à promoção da inclusão social e do desenvolvimento econômico local. Ao investigar os modelos de produção, os obstáculos enfrentados e os efeitos diretos dessas iniciativas, a pesquisa contribui para a formulação de políticas públicas mais eficazes e adaptadas à realidade regional, além de fortalecer o papel das organizações comunitárias e valorizar os saberes tradicionais, promovendo um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável.

Este estudo se propõe a investigar como as cadeias produtivas sustentáveis influenciam a vida das comunidades do interior do estado do Amazonas.

Este artigo está dividido em seis seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a pesquisa. A terceira seção trata do campo da pesquisa e dos procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo. Em seguida, a quarta seção expõe os resultados obtidos, enquanto a quinta seção discute as conclusões do trabalho. Por fim, a sexta seção reúne todas as referências utilizadas ao longo do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cadeia Produtiva Sustentável

As cadeias produtivas sustentáveis consolidam-se como eixo central nas discussões sobre modelos de desenvolvimento que integram economia, sociedade e ambiente. Miranda et al. (2021) ressaltam que esses sistemas envolvem relações complexas entre atores públicos e

privados, exigindo governança articulada. Essa perspectiva é especialmente relevante no contexto amazônico, onde a diversidade socioambiental e a dispersão territorial acentuam a interdependência entre os elos produtivos.

Silva (2023) complementa ao afirmar que a sustentabilidade depende da combinação entre eficiência econômica e responsabilidade socioambiental. A lógica circular, marcada pelo uso de recursos renováveis e redução de resíduos, reforça a adaptação dos sistemas produtivos aos desafios ambientais. Quando articulada com Barreto et al. (2021), essa visão evidencia que tais cadeias também respondem a um histórico de exploração predatória, o que reforça a necessidade de valorizar saberes locais, algo central nas comunidades amazônicas.

Essa integração entre economia, território e sustentabilidade também se relaciona aos princípios do Triple BottomLine. Para Santos et al. (2023), instrumentos como logísticos reversa, ecodesign e produção mais limpa ampliam competitividade sem negligenciar a conservação ambiental. Em regiões como o Amazonas, onde estruturas logísticas são limitadas, essas inovações tornam-se essenciais para reduzir impactos e fortalecer cadeias de base comunitária.

Romano et al. (2022) destacam a agricultura familiar ecológica como exemplo concreto de práticas sustentáveis capazes de fortalecer sistemas produtivos locais. Muitas comunidades amazônicas operam modelos de baixo impacto, mas ainda carecem de infraestrutura e assistência técnica para consolidar cadeias robustas. Assim, práticas ecológicas podem se tornar estratégicas para integrar conservação ambiental e geração de renda.

Brum et al. (2021) reforçam que o avanço da sustentabilidade depende da cooperação entre os agentes da cadeia, algo que se aproxima da visão sistêmica apresentada por Franco (2019). O autor argumenta que a identificação de gargalos e oportunidades orienta políticas públicas capazes de promover desenvolvimento regional. No Amazonas, essa abordagem é indispensável diante de desafios como transporte precário, distância dos mercados e fragilidade dos arranjos produtivos locais.

A discussão sobre racionalidade produtiva também aparece em Wolffenbüttel e Garcia (2020), que defendem mudanças estruturais nas formas de produzir e na relação com stakeholders. Cadeias sustentáveis operam com foco no longo prazo, orientadas pela responsabilidade intergeracional, algo fundamental em biomas sensíveis como a Amazônia. Essa perspectiva reforça a necessidade de estratégias que preservem os recursos naturais, base da economia regional.

Ecce e Vogel (2020) acrescentam que cadeias sustentáveis surgem como resposta aos impactos do consumismo e da obsolescência programada. Para os autores, promover durabilidade dos bens e padrões éticos de consumo implica reconfigurar a lógica industrial em direção à regeneração dos ecossistemas. Na Amazônia, essa discussão se articula às pressões por práticas que reduzam danos e valorizem recursos locais.

No campo da produção animal, Malafaia e Biscola (2023) destacam elementos como rastreabilidade, inovação tecnológica e governança como essenciais para a sustentabilidade. Esses mecanismos ampliam a transparência e atendem demandas de mercados que exigem responsabilidade ambiental. Isso se conecta às iniciativas amazônicas que buscam certificar produtos locais e diversificar fontes de renda para pequenos produtores.

Por fim, Leripio e Leripio (2015) reforçam que a sustentabilidade é um compromisso de longo prazo, que ultrapassa a dimensão econômica. Os autores defendem que cadeias produtivas robustas devem alinhar responsabilidade ambiental, justiça social e eficiência, preservando comunidades e ecossistemas. No contexto amazônico, esse equilíbrio é vital, pois o sucesso das cadeias depende diretamente da conservação dos recursos naturais.

2.2. Desenvolvimento Sustentável na Amazônia

Moreira e Manzatto (2023) destacam que o desenvolvimento da Amazônia exige integrar dimensões econômicas, sociais, culturais e ambientais. A forte relação das comunidades com os recursos naturais, sobretudo por meio do extrativismo e da agricultura de subsistência, evidencia essa necessidade. Produtos como açaí e castanha do Pará representam não apenas renda, mas identidades territoriais. Entretanto, limitações de infraestrutura e práticas predatórias dificultam políticas sustentáveis, mostrando que a sustentabilidade na região depende de estratégias amplas e sensíveis às realidades locais.

Nunes e Vieira (2023) reforçam que a floresta deve ser vista como parte da solução para o desenvolvimento regional. Para os autores, valorizar a sociobiodiversidade, reconhecer modos de vida tradicionais e garantir participação efetiva das comunidades nas cadeias produtivas são caminhos para um modelo justo e viável. Essa visão aproxima conservação ambiental e justiça social, demonstrando que o uso sustentável dos recursos pode sustentar um desenvolvimento socioeconômico inclusivo na Amazônia.

Ampliando essa perspectiva, Andrade (2020) enfatiza que aspectos sociais e culturais são fundamentais tanto para a proteção da biodiversidade quanto para o bem-estar das popula-

ções locais. A participação ativa de povos indígenas e extrativistas nas decisões é apontada como pilar da justiça socioambiental. Essa análise reforça a necessidade de estratégias integradas que valorizem a diversidade étnica e cultural, elementos indissociáveis da dinâmica amazônica.

Viana (2021) acrescenta que o desenvolvimento sustentável só se consolida quando saberes tradicionais dialogam com investimentos em ciência e inovação, especialmente na bioeconomia. A participação das comunidades na gestão territorial integra dimensões como saúde, educação, renda e conservação ambiental. Essa abordagem busca romper ciclos históricos de abandono estatal e reduzir a saída de jovens das regiões rurais, fortalecendo a permanência e a autonomia local.

Nessa direção, Makishi et al. (2020) destacam a governança territorial como elo entre políticas públicas e cadeias produtivas da sociobiodiversidade. A valorização dos conhecimentos tradicionais e a organização institucional dos recursos fortalecem economias locais. Essa articulação é essencial em uma região marcada por desafios logísticos e pela necessidade de modelos produtivos que unam conservação e desenvolvimento.

Carneiro et al. (2024) corroboram ao demonstrar que bioeconomia e educação empreendedora podem equilibrar preservação ambiental, inclusão social e dinamização econômica. Ações educativas adaptadas às realidades amazônicas fortalecem identidades coletivas e estimulam negócios sustentáveis. Assim, as cadeias produtivas passam a refletir as características socioculturais do território, ampliando o impacto socioambiental positivo.

Nesse contexto, Silva et al. (2024) defendem que fortalecer o cooperativismo e a bioeconomia é fundamental para superar limitações históricas, como infraestrutura precária e baixa participação das populações tradicionais. Isso permite avançar em uma sustentabilidade que combine uso consciente dos recursos naturais, inclusão econômica e justiça socioambiental, elementos estruturantes do desenvolvimento amazônico.

Pamplona, Salarini e Kadri (2021) reforçam a importância da sociobiodiversidade para o desenvolvimento regional, especialmente diante de desafios como desigualdades sociais e baixo IDH. O uso responsável dos recursos renováveis surge como alternativa para promover inclusão e dinamizar a economia. Essa análise dialoga diretamente com a realidade amazônica, onde cadeias extrativistas sustentam milhares de famílias.

Silva, Pontes e Albuquerque (2020) aprofundam essa discussão ao analisar o extrativismo da castanha do Pará, ressaltando que cadeias produtivas sustentáveis dependem de equilibrar conservação ambiental e geração de renda. A valorização dos ecossistemas e a in-

clusão social são apontadas como fundamentos de um modelo que respeita modos de vida tradicionais, aspecto central na construção de políticas efetivas para a região.

Giatti et al. (2021) evidenciam que o manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros é uma alternativa viável para comunidades em unidades de conservação. Essa prática concilia biodiversidade, inclusão social e desenvolvimento econômico, mostrando que modelos de baixo impacto podem fortalecer a permanência das populações e reduzir pressões sobre a floresta.

A produção diversificada do látex, analisada por Soares et al. (2018), revela a complexidade das relações entre agricultores familiares, mercado e ambiente. O extrativismo do látex, combinado ao cultivo de mandioca, forma sistemas produtivos resilientes, mas sujeitos à oscilação de preços e à ausência de políticas eficazes. A invisibilidade dos seringais plantados reforça a urgência de ações que reconheçam a agricultura familiar como guardiã da agrobiodiversidade amazônica.

No campo educacional, Custódio (2024) destaca que ciência, inovação e formação técnica são pilares do desenvolvimento sustentável no Amapá. Experiências como a do Centro de Educação Profissional de Santana mostram que currículos contextualizados fortalecem o empreendedorismo, o protagonismo juvenil e a identidade socioambiental. O desenvolvimento aparece, assim, como processo multidimensional que conecta educação, economia e participação social.

Souza et al. (2023) reforçam o papel das tecnologias inovadoras ao analisar o Projeto SIMA, que integra mobilidade elétrica e energia limpa conforme os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Apesar do potencial, o projeto enfrenta barreiras como escassez de recursos e fragilidade de políticas públicas, revelando a necessidade de maior comprometimento institucional para alcançar metas da Agenda 2030 na região amazônica.

Por fim, Neves e Bizawu (2019) discutem os impactos negativos do extrativismo madeireiro e defendem políticas públicas e instrumentos de mercado, como créditos de carbono, como caminhos para alinhar crescimento econômico e preservação ambiental. Para os autores, a sustentabilidade amazônica depende de engajamento social contínuo e de compromissos políticos que priorizem a proteção dos ecossistemas.

3. METODOLOGIA

O objetivo geral deste estudo foi investigar a influência das cadeias produtivas sustentáveis na vida das comunidades do interior do estado do Amazonas. Para tanto, optou-se por utilizar a estratégia de pesquisa qualitativa de natureza aplicada.

Para Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), a abordagem qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada, buscando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos. Lima Junior et al. (2021) acrescentaram que o método qualitativo abriu um vasto campo de possibilidades investigativas ao permitir que os pesquisadores descrevessem significados rotineiros e problemáticos da vida dos indivíduos, utilizando práticas interpretativas que favoreceram a compreensão profunda da realidade estudada.

Uma pesquisa aplicada, segundo Martinez et al. (2022), tem por objetivo resolver problemas concretos e atender a demandas específicas de grupos sociais, instituições ou setores produtivos, produzindo conhecimento com aplicação imediata e impacto direto na realidade estudada. Corroborando, Lunetta e Guerra (2023) citam que a pesquisa aplicada buscou transformar a realidade por meio da produção de conhecimento científico voltado para a prática, utilizando métodos rigorosos para garantir validade e confiabilidade nos resultados.

De acordo com a estratégia adotada para a pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo junto à comunidade São Francisco do Caramuri, localizada na zona rural do município de Manaus, próxima à divisa com Rio Preto da Eva e Itacoatiara. A comunidade foi fundada em 4 de outubro de 1995 e abrigava cerca de 70 famílias (aproximadamente 270 pessoas), com base econômica centrada na agricultura de abacaxi e cupuaçu, além de pecuária e práticas comunitárias sustentáveis.

A pesquisa de campo, sob a ótica de Leite e Lemos (2022), representa uma estratégia metodológica que se caracteriza pela proximidade entre pesquisador e participantes, com o objetivo de compreender e intervir sobre a realidade social observada. Essa abordagem permite a geração de conhecimento empírico articulado com ações concretas no contexto estudado, potencializando a transformação social por meio do envolvimento direto dos sujeitos da pesquisa.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista não estruturada e observação participante. De acordo com Antunes et al. (2023), a entrevista não estruturada privilegia a escuta ativa, permitindo que o entrevistado conduza sua narrativa de forma espontânea, sem a neces-

sidade de um roteiro fixo, o que aprofunda a compreensão dos sentidos produzidos na interação. Batista et al. (2021) acrescentam que a observação participante insere o pesquisador no cotidiano do grupo estudado, favorecendo a compreensão das práticas, interações e significados atribuídos às experiências vivenciadas pelos sujeitos.

Durante a coleta de dados, foram entrevistadas 20 pessoas da comunidade São Francisco do Caramuri, selecionadas por acessibilidade e diversidade de perfis (produção de abacaxi, pitaya, avicultura).

Após a coleta das informações, iniciou-se o processo de sistematização dos dados, estruturado em três etapas analíticas: categorização, codificação e interpretação. Inicialmente, todas as transcrições das entrevistas e notas de campo foram reunidas e organizadas, formando o corpus de análise. A etapa de categorização consistiu na identificação de temas recorrentes, percepções compartilhadas e elementos relevantes mencionados pelos participantes. Esses conteúdos foram agrupados por similaridade temática, originando categorias preliminares relacionadas às práticas produtivas, aos desafios enfrentados, aos impactos sociais e econômicos e às particularidades das cadeias sustentáveis.

Em seguida, realizou-se a codificação, momento em que cada trecho do corpus foi associado a códigos que representavam as categorias definidas. Esse procedimento sistematizou o material, permitindo identificar padrões, convergências e divergências nos relatos. A codificação foi conduzida manualmente, preservando o sentido original das falas e evitando fragmentações que comprometessem sua interpretação.

A etapa final correspondeu à interpretação, na qual os dados categorizados e codificados foram analisados à luz do referencial teórico e dos objetivos da pesquisa. Esse processo buscou compreender as percepções, experiências e significados atribuídos pelos participantes às cadeias produtivas sustentáveis, considerando tanto elementos recorrentes quanto nuances específicas do contexto estudado. A interpretação priorizou a complexidade das interações observadas, garantindo coerência entre o material empírico e o fenômeno investigado.

4. RESULTADOS

4.1 Apresentação da Comunidade

A comunidade São Francisco do Caramuri está localizada na zona rural de Manaus, Estado do Amazonas, com acesso pelo quilômetro 125-133 da rodovia AM-010, por meio do

ramal Pedreira. Sua posição geográfica situa-se próxima à divisa entre os municípios de Manaus, Rio Preto da Eva e Itacoatiara, o que lhe confere relevância estratégica tanto para o escoamento da produção quanto para a integração com diferentes mercados regionais.

Figura 1 – Comunidade São Francisco



Fonte: Pesquisa de Campo (2025).

Fundada há quase três décadas, a comunidade reúne cerca de 70–87 famílias, totalizando aproximadamente 270 pessoas, segundo levantamentos da Defensoria Pública do Estado do Amazonas (DPE-AM, 2025). A organização social é centrada na Associação Comunitária Agrícola São Francisco do Caramuri (ACASFC), que atua na representação dos moradores, na articulação de demandas junto ao poder público e na interlocução com programas institucionais, como o Programa de Regionalização da Merenda Escolar (Preme). A presença de uma associação fortalece a capacidade de ação coletiva e a inserção da comunidade em circuitos institucionais, um fator relevante na efetivação de cadeias produtivas sustentáveis (Mabetana et al., 2024).

A economia local é baseada na agricultura familiar, com destaque para o abacaxi, produto reconhecido regionalmente pela qualidade e volume, com crescimento recente do cultivo de pitaya, apoiado por assistência técnica do IDAM. Complementam a renda práticas como avicultura e produção de derivados da fruticultura, que ampliam a diversificação produtiva e contribuem para a segurança alimentar das famílias. Essa combinação entre produção para mercado e autoconsumo espelha padrões observados em cadeias curtas e sustentáveis, em que

pequenos produtores articulam múltiplas estratégias econômicas para reduzir riscos e aumentar resiliência (Souza et al., 2020).

Outro elemento relevante é a valorização das potencialidades socioculturais da comunidade. Projetos voltados ao turismo comunitário vêm sendo discutidos pela Prefeitura de Manaus, explorando atividades de ecoturismo, trilhas aquáticas e pesca esportiva, iniciativas que podem diversificar as fontes de renda e promover maior integração entre conservação ambiental e geração de benefícios econômicos locais, alinhamento que autores apontam como importante para a sustentabilidade socioterritorial (Garcia; Oliveira Jr., 2021).

Nesse contexto, São Francisco do Caramuri se constitui como um espaço privilegiado para a análise das cadeias produtivas sustentáveis na Amazônia. A conjugação de práticas agrícolas tradicionais e inovadoras, o protagonismo comunitário organizado e os desafios persistentes relacionados à infraestrutura e ao mercado tornam a comunidade um caso exemplar para compreender os impactos sociais e econômicos de iniciativas sustentáveis em áreas rurais amazônicas.

4.2 Descrição da Cadeia Produtiva Sustentável

A cadeia produtiva da comunidade São Francisco do Caramuri está fundamentada no trabalho da agricultura familiar, envolvendo diretamente os moradores locais nas etapas de produção, manejo, colheita e comercialização.

Participaram deste estudo 20 moradores, sendo 60% do gênero masculino (12 pessoas) e 40% feminino (8 pessoas), com idades variando entre 22 e 55 anos e média aproximada de 32 anos, demonstrando a presença de jovens e adultos em idade produtiva. Quanto à escolaridade, a maioria (12) possuía ensino fundamental completo, 5 concluíram o ensino médio e 3 tinham apenas o ensino fundamental incompleto, sem registros de ensino superior completo. Cerca de 70% dos participantes nasceram em Manaus ou no município vizinho de Rio Preto da Eva, enquanto os demais são oriundos de cidades próximas, como Itacoatiara. O tempo médio de residência na comunidade foi estimado entre 30 e 35 anos, característica comum em comunidades rurais amazônicas, onde a permanência prolongada fortalece redes de cooperação e manutenção dos saberes tradicionais (Magalhães, 2023).

Em relação às atividades produtivas, todos declararam cultivar abacaxi como principal produto agrícola (Figura 2); enquanto 8 também se dedicam ao cultivo de pitaya (Figura 3); outras práticas produtivas identificadas incluem a avicultura, presente em 5 famílias que co-

mercializam ovos, e o cultivo de frutas diversas para autoconsumo em aproximadamente metade dos domicílios. Essa diversificação se alinha ao que Astorga e Manassa (2020) descrevem como estratégia essencial para a sustentabilidade das cadeias produtivas, pois reduz riscos econômicos e amplia a autonomia das famílias.

Figura 2 – Atividade de Agricultura na Comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo (2025).

Os fluxos de comercialização da comunidade são diversificados, mas permanecem restritos a circuitos curtos. Cerca de 40% da produção é destinada às feiras municipais, possibilitando contato direto entre produtores e consumidores e garantindo margens de lucro mais elevadas. Outros 30% passam pela associação comunitária, que organiza parte da produção e facilita a inserção em programas institucionais, como o fornecimento de abacaxi para a merenda escolar. Os 30% restantes são absorvidos por atravessadores, responsáveis por dar saída à excedentes em períodos de safra, ainda que em condições menos vantajosas. A coexistência desses canais reflete exatamente os desafios apontados por Sousa et al. (2023), segundo os quais pequenos agricultores amazônicos dependem de múltiplos arranjos comerciais para garantir liquidez e estabilidade.

O manejo agrícola é baseado em práticas tradicionais adaptadas ao contexto local. O preparo do solo é feito com ferramentas manuais, complementadas em alguns casos por motocultivadores obtidos com apoio institucional. O plantio do abacaxi utiliza rebentos e coroas da própria lavoura, reduzindo custos. A pitaya é cultivada a partir de estacas, com estruturas de sustentação simples. A adubação usa principalmente esterco bovino e compostagem, e o

controle de pragas ocorre com caldas naturais e cinzas. Para autores como Moreira e Manzatto (2023), práticas desse tipo representam elementos centrais da sustentabilidade rural, pois reduzem insumos externos e aproximam a produção do equilíbrio ecológico.

Figura 3 – Plantação de Pitaya



Fonte: Pesquisa de Campo (2025).

A colheita, realizada manualmente com facões e podões, exige cuidado devido aos espinhos das plantas. Após a colheita, os frutos são armazenados em espaços improvisados, como galpões ou áreas sombreadas, antes do transporte. O trabalho apresenta forte divisão por gênero: homens concentram-se no preparo do solo e transporte, mulheres participam da colheita e comercialização, e jovens atuam de forma complementar, embora muitos manifestem interesse em buscar alternativas de emprego fora da comunidade, o que pode afetar a continuidade da atividade agrícola.

O caráter sustentável da cadeia produtiva manifesta-se nas práticas agroecológicas incorporadas ao cotidiano. O uso de adubação orgânica, o replantio de mudas da própria lavoura e o aproveitamento de resíduos vegetais como cobertura morta configuram estratégias de baixo impacto ambiental, favorecendo a conservação do solo e a manutenção da fertilidade natural (Figura 4). Aliada à baixa mecanização, essa dinâmica permite que a produção ocorra de forma mais harmoniosa com o meio ambiente, reduzindo riscos de degradação.

Figura 4 – Cultivo de Mudas

Fonte: Pesquisa de Campo (2025).

Os recursos obtidos com a comercialização do abacaxi são essenciais para custear despesas básicas, como alimentação, transporte, educação dos filhos e pequenas melhorias habitacionais das famílias da comunidade. A produção de pitaya e a avicultura de ovos complementam a renda, ampliando a diversificação econômica. Insta destacar que, parte da produção é destinada ao autoconsumo, reduzindo gastos com alimentos e fortalecendo a segurança alimentar das famílias.

No âmbito social, a cadeia produtiva influencia a organização do trabalho e as relações comunitárias. A participação das mulheres destaca-se nas etapas de cultivo, colheita e comercialização, reforçando seu papel no sustento familiar. Os homens concentram-se no preparo do solo, condução das lavouras e transporte da produção, enquanto os jovens colaboram em diferentes etapas, sobretudo na colheita, mas também manifestam interesse em novas oportunidades fora da comunidade.

Além disso, essas atividades fortalecem vínculos coletivos por meio do trabalho em mutirão e da atuação da associação comunitária, que organiza parte da produção e facilita o acesso a programas de apoio governamental. A rotina agrícola contribui também para a preservação de saberes tradicionais e para a valorização da identidade cultural da comunidade, consolidando práticas que transcendem a simples produção de alimentos.

Por fim, os rendimentos obtidos variam conforme a safra e os canais de comercialização. Nas feiras, os agricultores alcançam melhores preços, enquanto a venda para atravessadores, embora menos lucrativa, garante liquidez imediata. O fornecimento para programas institucionais, como a merenda escolar, representa uma fonte importante de receita, ainda que limitada pela capacidade produtiva, demonstrando como a comunidade equilibra diferentes estratégias para assegurar renda e sustentabilidade.

4.3 Análise e Discussão

A análise dos dados obtidos junto à comunidade São Francisco do Caramuri evidencia uma dinâmica produtiva marcada pela predominância do cultivo do abacaxi, que se consolida como principal fonte de renda das famílias locais. A presença de atividades complementares como o cultivo de pitaya, a avicultura e a produção de hortaliças, indica um processo inicial de diversificação produtiva, ainda que em escala reduzida. Essa configuração confirma a observação de Moreira e Manzatto (2023), segundo os quais a sustentabilidade econômica no interior amazônico tende a depender da combinação entre culturas consolidadas e estratégias complementares que ampliem as fontes de renda.

Ademais, práticas de manejo sustentável, como o uso de adubos orgânicos e a rotação de culturas, foram identificadas, embora acompanhadas de desafios relacionados à erosão do solo, ocorrência de pragas e escassez de insumos. Esse quadro confirma que a sustentabilidade produtiva depende de inovações e de maior suporte técnico, conforme defendem Santos et al. (2023), que ressaltam a necessidade de integrar práticas como produção mais limpa e logística sustentável ao longo das cadeias.

No campo econômico, os impactos percebidos pela comunidade revelam um cenário heterogêneo. Enquanto parte das famílias registra aumento de renda e melhorias em alimentação, educação e habitação, outra parte permanece com ganhos instáveis, utilizando a produção apenas como complemento financeiro. Essa desigualdade confirma a análise de Barreto et al. (2021), que afirmam que cadeias produtivas sustentáveis só se consolidam como instrumentos de inclusão quando associadas a mercados estruturados e políticas de valorização territorial. A dependência de atravessadores, relatada por cerca de um terço dos entrevistados, exemplifica a fragilidade na inserção mercadológica da comunidade e limita a capacidade de obtenção de melhores margens de lucro.

A dimensão social também se mostrou relevante nos dados coletados. As mulheres exercem papel ativo no cultivo de pequenas produções e no processo de comercialização, aspecto que confirma a centralidade da participação feminina em iniciativas comunitárias. Por outro lado, a tendência dos jovens de buscar oportunidades fora da comunidade revela risco para a continuidade das práticas produtivas, alinhando-se às reflexões de Viana (2021) sobre a necessidade de políticas que fortaleçam a permanência das populações amazônicas em seus territórios. Projetos locais voltados ao turismo comunitário e às feiras de agricultura familiar apontam caminhos promissores de valorização cultural e fortalecimento da identidade coletiva, mas ainda carecem de maior institucionalização e investimentos.

Outro aspecto relevante diz respeito aos entraves estruturais e institucionais que dificultam a consolidação de cadeias produtivas sustentáveis na região. Problemas relacionados à precariedade das estradas, à dificuldade de transporte e à falta de assistência técnica especializada foram mencionados de forma recorrente durante a pesquisa de campo. Esse cenário corrobora a análise de Magalhães (2023), para quem a falta de políticas públicas efetivas e de infraestrutura básica perpetua a dependência de modelos produtivos tradicionais, pouco rentáveis e ambientalmente frágeis. De igual modo, Astorga e Manassa (2020) argumentam que o extrativismo clássico ainda prevalece em grande parte da Amazônia, com baixa redistribuição de benefícios e altos custos socioambientais, uma realidade também observada na comunidade estudada.

Apesar desses desafios, os moradores demonstram expectativas positivas em relação ao futuro produtivo local. O interesse crescente por certificações, diversificação produtiva e fortalecimento da associação comunitária sugere um movimento interno de organização e busca por maior autonomia. A participação no Programa de Regionalização da Merenda Escolar (Preme) e as discussões sobre turismo comunitário reforçam a possibilidade de integração da comunidade a políticas públicas que valorizam a sociobiodiversidade, como defendem Nunes e Vieira (2023).

Os achados do estudo junto à comunidade São Francisco do Caramuri confirma que as cadeias produtivas sustentáveis representam um caminho promissor para a inclusão social e econômica, mas ainda enfrentam limitações estruturais, organizacionais e institucionais. O fortalecimento das práticas locais exige maior apoio técnico, integração com políticas públicas, valorização da identidade cultural e ampliação das estratégias de comercialização. A conjugação desses elementos é indispensável para transformar iniciativas pontuais em instrumentos efetivos de desenvolvimento regional sustentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi investigar como as cadeias produtivas sustentáveis influenciam na vida das comunidades do interior do estado do Amazonas.

Essa pesquisa permitiu compreender que a sustentabilidade não é somente um conceito a ser analisado teoricamente, mas também como um objeto que se constrói a partir do cotidiano, partindo das práticas e decisões de quem sobrevive e vive da terra. Observar as atividades locais ampliou a percepção de como trabalho coletivo e a valorização dos recursos naturais podem fornecer resultados sociais e econômicos duradouros.

Os resultados do estudo indicam que o desenvolvimento sustentável depende de fatores que vão além da produção. Fatores como a união entre os moradores, o apoio de instituições e a busca por novas práticas de cultivo que respeitem o meio ambiente são fundamentais para o equilíbrio entre a criação de renda e preservação. As experiências e atividades observadas reforça que a sustentabilidade na Amazônia nasce da relação entre a tradição e inovação, ou seja, entre o saber popular e o conhecimento técnico.

Os resultados obtidos revelam ainda que o envolvimento das famílias que vivem das atividades agrícolas ajuda no fortalecimento dos laços comunitários e assim criando novas oportunidades de melhoria de vida. Mesmo com diversas dificuldades enfrentadas, a comunidade apresenta uma capacidade de organização e vontade de melhoria para seu território. Essa resistência e perseverança são fatores fundamentais para compreensão do papel das cadeias produtivas sustentáveis, e como podem ser utilizadas como instrumentos de permanência e valorização do modo de vida rural.

Sob uma perspectiva crítica, o estudo apresentado retrata de forma delimitada uma comunidade que enfrenta diversos problemas estruturais, como o acesso limitado a políticas públicas e a falta de acesso de transporte e assistência técnica, mas que mesmo apesar desses fatores mantém viva uma forma de produção baseada no esforço coletivo e na cooperação. A realidade vivenciada por esta comunidade indica que o desenvolvimento sustentável possui um longo caminho que ainda está em construção, mas que o protagonismo local é de fato, o principal motor que influenciam nas transformações positivas percebidas.

Além disso, os achados da pesquisa oferecem contribuições práticas importantes, especialmente para políticas públicas voltadas ao fortalecimento das cadeias produtivas sustentáveis. Ao evidenciar as demandas por infraestrutura, assistência técnica e apoio institucional,

o estudo pode subsidiar gestores estaduais e municipais na formulação de estratégias mais alinhadas às realidades das comunidades rurais amazônicas. Da mesma forma, associações comunitárias podem utilizar os resultados para aprimorar seus processos organizativos e ampliar ações coletivas de produção, comercialização e formação local. Para os gestores locais, os dados reforçam a necessidade de iniciativas que incentivem a inovação produtiva, a diversificação econômica e o acesso a programas governamentais que apoiem o desenvolvimento territorial.

Por fim, a pesquisa se limitou o estudo de uma única comunidade e utilizou uma abordagem qualitativa o que restringiu a algumas generalizações dos resultados. Sendo fulcral que futuras investigações e pesquisas incluam outras localidades, utilizem métricas comparativas com o intuito de ampliar a compreensão sobre como diferentes práticas das cadeias produtivas sustentáveis impactam no desenvolvimento social e econômico das comunidades dos interiores do estado do Amazonas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues de. Desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: significados e conceitos. **EducationPolicyAnalysisArchives**, v. 28, art. 187, 2020.

ANTUNES, Luise Rodrigues; SILVA, Andressa Hennig; FLECK, Carolina Freddo; GALANOS, AlikíKaragrigoriou. Podemos marcar um Meet? Reflexões sobre os usos da entrevista não presencial como técnica de coleta de dados. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 11, n. 27, p. 561–583, maio/ago. 2023.

ASTORGA, E. M.; MANASSA, M. F. S. Extrativismo e desenvolvimento sustentável na mineração: algumas reflexões necessárias. **Revista KULONGESA – TES (Tecnologia – Educação – Sustentabilidade)**, v. 2, n. 2, p. 113-123, 2020.

BARRETO, William de Souza et al. **Cadeia produtiva sustentável do waraná na Amazônia**. Palmas: EDUFT, 2021.

BATISTA, Bruna F.; RODRIGUES, Domingas; MOREIRA, Elisabete; SILVA, Francisco. Técnicas de recolha de dados em investigação: inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista? In: SÁ, Patrícia; COSTA, António Pedro; MOREIRA, António (orgs.). **Reflexões em torno de metodologias de investigação: recolha de dados**. Aveiro: UA Editora, 2021. v. 2, p. 13–35.

BRUM, Argemiro Luís et al. As práticas sustentáveis na cadeia produtiva do leite e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: um panorama do estado do Rio Grande do Sul. Campo-Território: **Revista de Geografia Agrária**, v. 16, n. 40, p. 31–65, abr. 2021.

CARDOSO, Camila; OLIVEIRA, André; GHELLI, Larissa. Agricultura urbana e segurança alimentar: uma análise dos impactos do Programa de Agricultura Urbana (PAU) de Porto Alegre. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 10, n. 1, p. 95–115, jan./abr. 2021.

CARNEIRO, Lucas Carregari da Rosa; ALMADA, Hellen Kezia Silva; CAVALCANTE, Rosane Barbosa Lopes. Educação empreendedora para o desenvolvimento sustentável na Amazônia: uma avaliação do Programa Gênese. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 28, n. 6, e240182, 2024.

COSTA JÚNIOR, F. S. da .; ARROYO, J. C. T. . The role of civil society in the sociobiodiversity of the Amazon context. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e1813144719, 2024.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Centro Salomé, 14 anos de educação profissional: ciência, inovação e desenvolvimento sustentável na Amazônia amapaense. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO, 2., 2024. **CEEINTER**, 2024. p. 1-6.

ECCE, Luiz H.; VOGEL, Luiz A. Do fast fashion à criação de uma cadeia de valor: breves reflexões sobre as ações do setor têxtil brasileiro na busca por uma cadeia produtiva mais sustentável. **Anais de Constitucionalismo, Transnacionalidade e Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/acts/article/view/17293>>. Acesso em: 16/05/2025.

FRANCO, Diogo de Lima. **Análise da cadeia produtiva do jacaré da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, estado do Amazonas**. 120 f. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

GARCIA, J. S.; OLIVEIRA JUNIOR, C. J. F. Espinheira-santa: do extrativismo à produção sustentável. **Pesquisas Agrárias e Ambientais**, Sinop, v. 9, n. 4, p. 401–412, 2020.

GIATTI, Otávio Ferrarim; MARIOSIA, Pedro Henrique; ALFAIA, Sônia Sena; SILVA, Suzy Cristina Pedroza da; PEREIRA, Henrique dos Santos. Potencial socioeconômico de produtos

florestais não madeireiros na reserva de desenvolvimento sustentável do Uatumã, Amazonas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 3, p. 1-19, 2021.

LERÍPIO, Adilson de Ávila; LERÍPIO, Daniel de Carvalho. Cadeias produtivas sustentáveis: sustainableproductionchains. **IX Sustentável**, v. 1, n. 1, p. 142–159, 2015.

LEITE, Geovana; LEMOS, Thamires. **Educação popular e pesquisa social: aproximações metodológicas para a transformação da realidade**. Caderno de Educação, Tecnologia e Sociedade, v. 15, n. 1, p. 172–188, jan./abr. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2218>. Acesso em: 08/07/2025.

LIMA JUNIOR, Gentil; OLIVEIRA, João Victor; SANTOS, Cláudia; SCHNEKENBERG, Jean. Desenvolvimento sustentável e a agenda 2030: uma análise da percepção dos discentes de administração pública. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 10, n. 1, p. 35–47, 2021.

LUNETTA, Guilherme; GUERRA, Flávia. Pesquisa aplicada: um instrumento para transformar a realidade. **Revista Científica da Faculdade do Sul da Bahia**, v. 4, n. 2, p. 57–65, 2023.

MABETANA, K. P. F. et al. Extrativismo de produtos florestais não madeireiros como mecanismo para a conservação da floresta na Amazônia. **Revista PPC**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 1–18, 2024.

MAGALHÃES, M. M. B. O extrativismo através de cooperativas em áreas florestais: manejo sustentável e dignidade humana – estudo de caso da Cooperativa Mista dos Povos e Comunidades Tradicionais da Calha Norte (COOPAFLOA). **VIII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra**, v. 8, n. 1, 2023.

MAKISHI, Fausto; VEIGA, João Paulo Cândia; ZACARELI, Murilo Alves; SILVA, Vivian Lara dos Santos; SAVASTANO JÚNIOR, Holmer. **Governança no desenvolvimento sustentável na Amazônia: arquiteturas institucionais e cadeias de sociobiodiversidade**. Amazônia, Organizações e Sustentabilidade, Belém, v. 9, n. 1, p. 7–26, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.unama.br/index.php/aos/article/view/535>. Acesso em: 17/05/2025.

MALAFAIA, Guilherme Cunha; BISCOLA, Paulo Henrique Nogueira. **Anuário CiCarne da cadeia produtiva da carne bovina – 2023**. Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2023.

MARTINEZ, Elaine; LAGO, Aline; IUAMA, Jéssica. A pesquisa aplicada e sua contribuição para a resolução de problemas sociais. **Revista de Extensão e Estudos Interdisciplinares da FAEF**, v. 2, n. 4, p. 33–42, 2022.

MIRANDA, Rubens Augusto de et al. Sustentabilidade da cadeia produtiva do milho. Sete Lagoas: **Embrapa Milho e Sorgo**, 2021..

MOREIRA, Denilson Nunes; MANZATTO, Ângelo Gilberto. As potencialidades que favorecem ao desenvolvimento sustentável na Amazônia. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 751–777, set./dez. 2023.

NEVES, Janison Tadeu; BIZAWU, Kiwonghi. O extrativismo da madeira na Amazônia e seus impactos ambientais: a contribuição do Protocolo de Kyoto para o desenvolvimento sustentável. **Revista Argumentum**, Marília, v. 20, n. 2, p. 465-483, mai.-ago. 2019.

NUNES, Diego; VIEIRA, Luciana. Sustainable supply chain management in a global context: the perspective of emerging economy suppliers. **RAUSP Management Journal**, v. 58, n. 2, 2023.

PAMPLONA, Leonardo de Moura Perdigão; SALARINI, Julio; KADRI, Nabil Moura. Potencial da bioeconomia para o desenvolvimento sustentável da Amazônia e possibilidades para a atuação do BNDES. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 56, p. 55–86, dez. 2021.

ROMANO, Roberta Giraldi et al. (Orgs.). Cadeia produtiva sustentável: ecossocioeconomias no setor agroalimentar. 1. ed. Aracaju, SE: **Criação Editora**, 2022.

SANTOS, Luciane Cristina Ribeiro dos et al. (Orgs.). Cadeia produtiva sustentável: teorias e abordagens ecossocioeconômicas. Ponta Grossa: **Editora UEPG**, 2023.

SILVA, Gustavo Henrique Romeu da. **Análise da cadeia produtiva do hidrogênio verde: potencial de produção sustentável utilizando biorefinarias**. Guaratinguetá: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2023.

SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa; MENEGHETTI, Gilmar Antonio; PINHEIRO, José Olenilson Costa; SANTOS, Alessandro Carvalho dos; ERAZO, Rafael de Lima; ROTA, Caroline Bogo. **Cooperativismo e bioeconomia: desafios para o desenvolvimento sustentável**

na Amazônia. *Peer Review*, v. 6, n. 10, p. 204–219, 2024. Disponível em:

<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1168272>. Acesso em: 17/05/2025.

SILVA, Thiago Paixão da; PONTES, Altem Nascimento; ALBUQUERQUE, Alisson Rangel. Cadeias de produção sustentáveis no extrativismo de castanha-do-brasil na Amazônia brasileira. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 62, n. 4, p. 1-20, 2024.

SOARES, Keller Regina; FERREIRA, EsvanioEdipo da Silva; SEABRA JUNIOR, Santino; NEVES, Sandra Mara Alves da Silva. Extrativismo e produção de alimentos como estratégia de reprodução de agricultores familiares do assentamento Seringal, Amazônia Meridional. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 4, p. 645–662, out./dez. 2018.

SOUSA, J. M. de et al. Sustentáveis na Amazônia do terceiro setor: o desenvolvimento de cadeias de valor de produtos amazônicos. In: **Novas Perspectivas Da Administração: Transformações E Tendências**. v. 1, cap. 1, 2023.v

SOUZA, Andreia Palheta Ferreira de; TABORA, Jonathan Muñoz; SILVA, Maria do Socorro Palheta; DUARTE, Ana Rosa Carriço de Lima Montenegro; TOSTES, Maria Emília de Lima; SOARES, Thiago Mota; NASCIMENTO, Andréia Antloga do. **Aplicação dos objetivos do desenvolvimento sustentável na Amazônia**: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará (UFPA). *Peer Review*, v. 5, n. 20, p. 365–379, 2023.

SOUZA, C. R. S. et al. Conhecimentos tradicionais quilombolas, uso e caracterização da biodiversidade do cerrado Goiano. **BrazilianJournalofDevelopment**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 38383–38393, jun. 2020.

VIANA, Virgílio. Abordagem sistêmica para o desenvolvimento sustentável da Amazônia profunda. **Revista Tempo do Mundo**, Brasília, n. 27, p. 71–99, dez. 2021.

WOLFFENBÜTTEL, R. F.; GARCIA, S. R. Desenvolvimento sustentável empresarial: práticas e concepções sobre sustentabilidade na cadeia produtiva do plástico verde. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 198–209, 2020.